GILBERTO FREYRE E LÚCIO COSTA, OU *A BOA TRADIÇÃO*
O Patrimônio Intelectual do Sphan

As íntimas relações entre o maior ideólogo da Arquitetura Moderna Brasileira e o grande sociólogo dão luz à onipresença da brasilidade no ideário modernista

Silvana Barbosa Rubino

Para Francisco Iglésias, a historiografia brasileira se enriqueceu com a publicação da **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, periódicos "que se distinguiam pelo rigor metodológico, pelo uso de fontes primárias, pela documentação severa."[1] Para Iglésias, mais do que isso, o próprio trabalho de guardar ou reconstituir - em suma, a própria defesa - já é trabalho historiográfico.

A intenção é examinar a produção de conhecimento com origem na instituição, sua contribuição ao que podemos conhecer sobre história e arte do país a partir da prática do SPHAN, e analisar esse *patrimônio conceitual* como mais um momento de investimento simbólico sobre bens prévios.

O SPHAN não é apenas um capítulo de nossa historiografia. O tema **patrimônio** constrói um campo específico onde história, crítica de arte e ciências sociais se interceptam. Um campo que de um lado é híbrido, como a tradição ensaística dos anos 40 e 50, onde cabem arte, ensaio, crítica, história e ciências sociais. E de outro não, pois pela maneira como o campo foi constituído, essa mescla deixa de ser hibridismo, ecletismo para se tornar uma característica sem a qual não pensaríamos o tema. Patrimônio tornou-se, mais que um objeto que permite uma abordagem sob óticas diversas, uma área do conhecimento que remete a diversas disciplinas acadêmicas e que requisita e produz especialistas.

O SPHAN, ao eternizar nosso passado tradicional, o fez sob a ótica da presentificação. Esse processo, que tem seu ponto nodal no tombamento, tem continuidade quando o SPHAN fala sobre o que tombou ou deve tombar. Dito em outras palavras, há uma presentificação na historiografia da arte e arquitetura brasileira que é realizada via o estudo desse passado tradicional e a escrita sobre o mesmo. Ao abordar esses textos, podemos buscar hoje uma antropologia dessa historiografia.

Mas essa antropologia é também um exercício de presentificação. Sabemos que o que se preserva hoje é distinto, mas também informado pelo que se preservava em 1940 ou 1930 - pensa-se freqüentemente os conceitos de patrimônio por adesão, recusa ou diálogo com a tradição criada na **fase heróica** do SPHAN, o período de Rodrigo Mello Franco de Andrade. Tal ocorre, não porque hoje os preservacionistas sejam mais esclarecidos do que ontem: as regras do campo se alteraram. Novas visões de história foram incorporadas, e o conceito de patrimônio se antropologizou.[2]

É necessária uma pontuação do porquê os conceitos de patrimônio se imbricavam tanto na ciência social que então se constituía. Essa área de intersecção está explicitamente demonstrada no prefácio à primeira edição de ***Casa Grande & Senzala***, obra hoje tida como uma das grandes interpretações do país.[3]

Nesse prefácio, Freyre retoma as figuras de José Marianno Filho e Lúcio Costa - que já haviam disputado o papel de formador de opinião junto ao SPHAN e os rumos da Escola Nacional de Belas Artes. Em seu texto, Mariano aparece como aquele que não compreendeu bem a especificidade da arquitetura patriarcal quando afirmou que esta seguiu o modelo da arquitetura religiosa. Costa, ao contrário, *se encantou* diante das casas mineiras, as *"velhas casas-grandes de Minas"*. Mas é na elucidação do que representa a casa-grande, esse grande fenômeno total, que Gilberto Freyre demonstra o que pode contar um bem arquitetônico.

> "A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (...); de vida social e de família (...) de higiene do corpo e da casa (...); da política (o compadrismo)".

A casa-grande é o patamar privilegiado de onde o pesquisador analisa a totalidade de relações sociais na sociedade patriarcal.

Se na obra de Freyre a casa-grande é esse condensador de significados sociais, é no bem imóvel que vão repousar as reconstruções que o SPHAN fez da história pretérita do país, ainda que no projeto de suas publicações se pretendesse um espectro tão amplo de temas como são as possibilidades de inventário, onde não é o bem imóvel a única nem a principal possibilidade.

Ao apresentar a primeira publicação do SPHAN, de 1937, - o livro ***Mocambos do Nordeste***, de Gilberto Freyre - o prefácio de Rodrigo arrolava os temas que seriam tarefa da instituição cobrir.

> "Tendo por objeto questões gerais ou aspectos particulares da formação e do desenvolvimento das artes plásticas no Brasil, assim como estudos sobre matérias da nossa arqueologia, de nossa etnografia, de nossa arte popular, de nossas artes aplicadas e dos monumentos vinculados à nossa história, os trabalhos que serão dados à publicidade em seguida ao presente ensaio do prof. Gilberto Freyre visarão a informar e a instruir com seriedade sobre aqueles assuntos".[4]

Esse aspecto quase pedagógico das publicações do SPHAN se assentavam sobre a relação, assinalada por Rodrigo entre a falta de informação e a falta de apreço que o brasileiro teria sobre seu patrimônio. Cabia assim, mais do que preservar, apresentar esse conjunto de bens ao público, ainda que a um público restrito de pares e interlocutores.

Gilberto Freyre e Lúcio Costa, ou a *boa tradição*

Uma pista para uma análise do passado recomposto pelo SPHAN - cujo modelo exemplar é uma igreja mineira do século XVI- pode estar em uma parceria intelectual, entre o antropólogo e sociólogo Gilberto Freyre e o arquiteto Lúcio Costa. Se na introdução de ***Casa Grande & Senzala***, Freyre totaliza os significados sociais que podem estar contidos na casa grande, em um livro posterior, ***Mundo Novo nos Trópicos***, tece longas considerações sobre o caráter brasileiro da arquitetura moderna carioca, expresso em cores e plantas, notadamente nos trabalhos de Costa e de Henrique Mindlin. Lúcio Costa, por sua vez, também constrói um elo que liga o moderno ao tradicional, através da casa brasileira. Analisados em conjunto, Freyre e Costa formam uma dupla que ilumina essa vinculação da arquitetura à história do país. Ou melhor, de uma arquitetura particular à história do país que o SPHAN remonta. Do movimento moderno à *boa tradição*.

Não são, contudo os únicos a manifestar essa tendência de depositar a história no bem arquitetônico. O próprio Mário de Andrade que em seu anteprojeto sugeria um conceito cultural extenso de obra de arte, em seu trabalho posterior inventariou apenas bens da arquitetura paulista. Em Ubatuba, Mário escreveu que seria necessário tombar o sentimento da cidade, mas quando o Mário-escritor cede espaço para o Mário-funcionário, o que ele sugeriu foi o cuidado com o bem concreto, palpável, que se torna o portador, o *charter* desse sentimento. Porque o que se pode preservar não é o passado, mas suas imagens e representações, e nesse período a arquitetura tornou-se a manifestação mais adequada, visível e perceptível do passado. A concretude da edificação contrasta com categorias mais abstratas, como as presentes no anteprojeto de Mário - cantos, língua, folclore -, que se casavam com as defendidas por Franz Boas, um antropólogo eminente que se dedicou a trabalhos de museu.[5] Mas seria um discípulo de Boas quem viria a costurar os vínculos entre arquitetura e vida intelectual, através de sua ascendência principalmente sobre Lúcio Costa.

Na concepção de Lúcio Costa a arquitetura colonial traz essas imagens do passado brasileiro. Mais do que isso, a casa tradicional brasileira traz consigo a *pureza de formas* que encanta o arquiteto moderno. Enquanto arquiteto, Costa tem em mente o *traço puro* de Le Corbusier, mas a explicação mais *sociológica* que constrói está visivelmente inspirada pelo sociólogo pernambucano, quando descreve a influência de índios e negros na arquitetura que veio dos moldes europeus e aqui sofreu um *amolecimento*:

> "o índio acostumado a uma economia diferente, que lhe permitia vagares na confecção limpa e unidade de armas(?), utensílios e enfeites, estranhou, com certeza, a grosseira maneira de fazer dos brancos apressados e impacientes; e o negro, conquanto se tenha revelado com o tempo, nos diferentes ofícios, habilíssimo artista... quando ainda interpreta desajeitadamente a **novidade** das folhas de acanto, lembra o louro bárbaro e bonitão do norte em seus primeiros contatos com a civilização latina ou, mais tarde, pretendendo traduzir, com o sotaque ainda áspero e gótico os motivos greco-romanos."[6]

Gilberto Freyre, em franca defesa do que denominou luso-tropicologia, afirma a unidade cultural luso-brasileira ou luso-afro-brasileira. O português aparece como tendo a capacidade de dissolver e perpetuar-se em outros povos, e a arquitetura - religiosa, militar e das casas-grandes - conservaram-se portuguesas, apesar da influência do que Freyre denomina um meio social colorido pela escravidão e miscigenação.[7]

Assim, Lúcio Costa explica a casa sociologicamente enquanto Gilberto Freyre localiza sua sociologia na vida da casa. Uma afirmação sua de que o alpendre das capelas brasileiras seria uma influência arquitetônica das casas-grandes torna-se paradigmática para o SPHAN, embora comumente refutada. Refuta-se, contudo, respeitosamente:

"Repetir-se-ia... na capela de Santo Antonio a solução da fachada com alpendre que encontramos na igreja de São Miguel, no município de São Paulo, e a que o sr. Gilberto Freyre, em **Casa-Grande & Senzala**, atribui influência arquitetônica das casas-grandes. Em todo caso, cumpre observar que tal solução de arquitetura religiosa das pequenas igrejas e capelas se repete na Argentina, e pelo menos na Espanha".

Legitimado principalmente por Lúcio Costa, é como se Gilberto Freyre dentre os chamados intérpretes do Brasil nos anos 30, tivesse sido eleito para interpretar a arquitetura, e, pelo impacto de sua obra, admitisse poucas ressalvas. Era, então, discutido, ainda que considerado indiscutível:

"Gilberto Freyre, em **Casa-Grande & Senzala** considera-os (os alpendres) um traço assimilado da arquitetura residencial das casas-grandes. Para o caso particular dessa observação, não se trata de discutir se o estilo de vida das casas-grandes influiu nos costumes católicos (**o que acho indiscutível**), nem se houve assimilação de detalhes da arquitetura religiosa residencial ou vice-versa (...). Não creio, porém, que a existência de alpendres em certas capelas brasileiras possa ser suficientemente explicada pela arquitetura residencial das casa-grandes, porque, além de ser o alpendre uma solução tradicional já européia, sua existência nas capelas não é peculiar da zona de predominância da casa-grande".[8]

Realizando uma tradução ou uma refração da arquitetura brasileira para o mundo intelectual, Gilberto Freyre constrói um léxico que traz o bem arquitetônico para o universo da cultura escrita. Torna-se assim o sociólogo dos arquitetos, ou da arquitetura moderna, o que está implícito em alguns textos do SPHAN como os de Joaquim Cardozo parcialmente nomeado nos trabalhos de Lúcio Costa e dito claramente por outro arquiteto moderno, Henrique Mindlin, para quem é na terminologia dos arquitetos que Freyre "vai buscar a caracterização semântica do complexo sociológico que mais lhe importa estudar para chegar a explicar a nossa gente: ***Casa Grande e Senzala*** na fase ascencional do patriarcado rural, ***Sobrados e Mucambos*** na fase de decadência e desagregação".[9]

O que Mindlin sistematiza é o que se encontra em estado latente nos textos de Costa, onde Freyre é citado quase como uma referência literária, de inspiração. Para Mindlin, há um campo de intersecção entre, de um lado as ciências sociais e de outro a arquitetura e o urbanismo, presente onde se encontram os trabalhos de Freyre e dos arquitetos modernos, na convergência do que denomina, na ausência de um melhor termo, engenharia social, no cunho normativo que a obra de Freyre vai adquirindo (luso-tropicologia, regionalismo), que para os arquitetos se traduz nos desafios da realidade cotidiana e no planejamento, seja urbano, regional ou nacional. E o passado tradicional é parte desse projeto intervencionista de presente. Há uma *boa tradição* que está palpável no bem arquitetônico.[11]

Certamente essa possibilidade de intersecção, e mais, de tradução entre de um lado a sociologia e a antropologia e de outro a arquitetura e o urbanismo, aliada à rede de relações de Freyre com o grupo que ocupava o Edifício do Ministério da Educação, explica que tenha ele se tornado, mais do que o sociólogo dos arquitetos, o sociólogo do grupo liderado por Lúcio Costa, a vertente carioca e modernista do SPHAN. O discurso de Gilberto Freyre, pretensamente proustiano, visivelmente impressionista e carente de dados empíricos, como na afirmação sobre as casas-grandes e os alpendres, pode tornar-se paradigmático devido à sua chancela de cientista, de antropólogo culturalista, que conseguia traduzir as reiteradas questões do nosso ser brasileiro em termos passíveis de apropriação e legitimação no interior do SPHAN.

Mindlin argumenta que o regionalismo de Gilberto Freyre, tão mal interpretado, constitui uma "grande mensagem aos arquitetos brasileiros", pois "infelizmente, para muita gente, *regional* equivale a *folclórico*, assim como *tradicional* equivale a *passado*, a sobrevivência do passado. Mas esse conceito de tradição põe de lado o aspecto vital, genuíno, da tradição que se forma em cada época da história da arte: o de uma *transmissão*, necessariamente submetida à influência e ao processo de metamorfose do instinto criador".[12] O que remete à construção, à criação de uma tradição própria ao tempo presente, que respeita a "boa tradição de uma raça".

Através da ótica com que um arquiteto lê a obra de um sociólogo/antropólogo, mantendo-a intacta, a tradição vai ressurgir no presente na arquitetura: seja através do uso de plantas ecologicamente brasileiras, das cores, das casas onde se destacam os pontos positivos dos mucambos, da saudade da varanda ao ar livre. E mais, ressurge na análise do desvio dessa *boa tradição*, na *reeupeização* visível no Brasil do século XIX.

Na perspectiva dos trabalhos do SPHAN, é necessário um **lugar** para o evento passado se construir, e nesse sentido a legitimação conferida pela sociologia de Gilberto Freyre é exemplar, pois a sociedade que analisa tem seu apogeu na casa grande e na senzala e seu declínio nos sobrados e nos mucambos. Pouco boasiano, nesse sentido, menos do que Mário de Andrade que localizava o legado do país em patrimônios imateriais em seu anteprojeto. A experiência de Gilberto Freyre com o mestre alemão, relatada no prefácio de ***Casa-Grande & Senzala***, contudo, não perdura, pois Freyre se afasta das teoria culturalistas adquiridas em sua passagem pelos Estados Unidos ao supor a existência de características de povos determinadas pela interação entre raça e ambiente. Freyre se aproxi-

ma a partir de então das noções de caráter nacional, antecipando o caminho posteriormente seguido por outros discípulos de Boas.[13] E o passado que Freyre afirma que proustianamente deixa de existir mas não de agir, explica o presente e se assenta sobre a casa:

> "A civilização brasileira foi nos seus começos mais o esforço de uma organização familial do que uma realização do Estado ou da Igreja, de reis ou de líderes militares. Daí seu desenvolvimento como civilização que tem por valores fundamentais os domésticos, patriarcais e sedentários; 1) os edifícios de residência agrários, associados a uma economia familial de características permanentes e não nômades; 2) a cozinha, sempre complementar a uma civilização assim sedentária (...); 3) a dona de casa(...)"[14]

O passado do SPHAN e de seu funcionário Gilberto Freyre parece reivindicar materiais, mais do que referências folclóricas, tradições orais, saberes. A história remete a lugares, marcos, edifícios.

Não é um pensamento exclusivo dos intelectuais do SPHAN. Essa questão não passou desapercebida por um antropólogo notável como Evans-Pritchard, que além de observar que a árvore sob a qual se afirmava ter iniciado a humanidade ainda se encontrava na região nilota habitada pelos Nuer quando a visitou, se indagava sobre a importância desses marcos para a história tradicional de um grupo. Por que a tradição referida a paisagem, artefatos, condições ambientais? "*History is often attached to places than to peoples*", escreveu, ressaltando as conseqüências, na África, da ausência de pedras, da mudança de vegetação, para as populações que passaram por processos de migração ou de ocupação.[15]

Lugares e povos/pessoas. A finitude da vida humana é contraposta à possibilidade de permanência daquilo que o homem constrói, e a obra arquitetônica feita para durar torna-se assim o vestígio e a prova daquilo que perece, de quem ali habitou. No SPHAN a recuperação desse rastro é polifônica: escreve, desde discursos patrióticos até, com o rigor da pesquisa de qualidade, história social.

NOTAS

1 *Depoimento de Iglésias in* ***A Lição de Rodrigo***, DPHAN, 1968.

2 Sérgio Miceli. "ISPHAN: Refrigério da Cultura Oficial" *in* **Revista do Patrimônio** nº21, 1987.

3 Mais do que isso. Gilberto Freyre está também institucionalmente no ponto nodal desta intersecção. Foi Gustavo Capanema quem o nomeou professor de Sociologia na Faculdade de Direito de Recife. Seu livro foi revisado por Manuel Bandeira.

4 Rodrigo Mello Franco de Andrade, prefácio de ***Mocambos do Nordeste***, p.95.

5 "It even happens frequently in anthropological collections that a vast field of thought may be expressed by a single object or no object whatever, because that particular aspect of life may consist of ideas only". George Stocking Jr., "Object and others Essays and Museum and Material Culture" ***in History and Anthropology***, v.3 p.192.

6 Lúcio Costa, "Documentação Necessária" *in* **RPHAN** nº1, 1937. Grifo do autor.

7 "Sugestões para o estudo da arte brasileira em relação com a de Portugal e das colônias" *in* **RSPHAN** nº1, Rio de Janeiro, 1938.

8 Luís Saia. "O Alpendre nas Capelas Brasileiras" *in* **RSPHAN** nº3, Rio de Janeiro, 1939.

9 Henrique Mindlin. "Gilberto Freyre e os arquitetos" *in* **Guanabara** nº4, jan/fev 1962, IAB.

10 Freyre, que considerava o presidente Getúlio Vargas um homem com consciência sociológica, acreditava ser a Antropologia "capaz de concorrer para melhor administração do Brasil e para sua articulação mais inteligente - articulação social e de cultura - não hesito em ir até a sugestão ou esboço de uma filosofia interamericana de política de cultura que teria nas Ciências Sociais - especialmente na Antropologia - um auxiliar poderoso, sem sacrifício, é claro, da dignidade científica das mesmas ciências". Prefácio a primeira edição de ***Problemas Brasileiros de Antropologia***

11 Essa tradição, onde a arquitetura brasileira ultrapassa os padrões estrangeiros, é retomada quando, comparando Oscar Niemeyer a Aleijadinho, Lúcio Costa afirma serem ambos uma manifestação do gênio nacional: "encontraram o novo vocabulário plástico fundamental já pronto, mas de tal maneira se houveram casando, de modo tão desenvolto e com tamanho engenho a graça e força, o refinamento e a rudeza, a medida e a paixão que, na sua respectiva obra, os conhecidos elementos e as formas consagradas se transfiguram, a ponto de poder afirmar que, neste sentido, há muito mais afinidades entre a obra de Oscar, tal como se apresenta no admirável conjunto da Pampulha e a obra do Aleijadinho, tal como se manifesta na sua obra-prima que é a igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, do que entre a obra do primeiro e Warchavchick - o que, a meu ver, é significativo". *Carta Depoimento*, publicada n'**O Jornal** em 14 de março de 1948.

12 *Idem, ibidem.*

13 Autores como Carlos Guilherme Mota e Dante Moreira Leite discutem a filiação de Gilberto Freyre às idéias de Boas. Contudo cumpre observar que, semelhante à Freyre, discípulos de Boas estudaram se dedicaram a estudos sobre o caráter nacional visando a produção de um conhecimento antropológico que contribuísse para a solução de problemas políticos. Mead, Bateson, Benedict, Kluckhon e Leighton vão realizar trabalhos sob encomenda do Estado, através da Foreign Morales Analysis Division, do Office of War Information. Dentre estes trabalho, o que obteve maior visibilidade por sua relevância para a antropologia foi ***O Crisântemo e a Espada***, de Ruth Benedict.

14 Gilberto Freyre. ***Novo Mundo nos Trópicos***, p.209.

15 E. E. Evans-Pritchard. ***History and Anthropology***, p.52.

Silvana Barbosa Rubino é professora do Departamento de Fundamentos Teóricos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
O presente texto é parte da dissertação de mestrado em Antropologia Social (IFCH-UNICAMP) intitulada ***As Fachadas da História: os Antecedentes, a Criação e os Trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1936-1968)***, orientada pelo Prof. Dr. Antonio Augusto Arantes e defendida em abril de 1992. A autora recebeu financiamento da FAPESP.